

Cultura de alto a baixo

Enquanto trabalha em livro sobre o carnaval baiano, a americana Camille Paglia fala sobre sua nova coleção de ensaios, uma análise panorâmica da história da arte que vai do Egito Antigo a 'Guerra nas estrelas'

MARIANA TIMÓTEO DA COSTA
São Paulo
mariana.timoteo@oglobo.com.br

O canto do carnaval de Salvador transformou Camille Paglia. Em 2009, a convite de Daniela Mercury, a escritora americana subiu num trio elétrico do circuito Barra-Ondina para vivenciar “um exemplo muito raro de um trabalho artístico monumental realizado por uma mulher”, como ela diz em entrevista por telefone de sua casa, na Filadélfia (EUA).

O encantamento por Daniela, o contato com o povo baiano e com o “passado e o presente do Brasil em Salvador” renderam, além de viagens subsequentes ao país, o tema do próximo livro da autora de “Vamps e vadias” (Francisco Alves, 1996) e “Sexo, arte e cultura americana” (Companhia das Letras, 1993).

— Pena que não poderei ir para o carnaval deste ano, queria fazer mais pesquisas — diz Camille, professora da Universidade das Artes da Filadélfia.

Um dos ícones do movimento feminista, com o qual rompeu mais tarde, Camille se mantém perto da polêmica aos 65 anos, como mostra seu livro mais recente, lançado no fim

de 2012 nos Estados Unidos, mas ainda inédito no Brasil, “Glittering images: A journey through art from Egypt to Star Wars” (“Imagens brilhantes — Uma jornada pela arte do Egito a Guerra nas estrelas”, em tradução livre).

No livro, ela defende a tese controversa de que nenhum estilo artístico relevante surgiu desde a arte pop. Para isso, analisa 29 obras de períodos diversos, de uma ilustração da rainha egípcia Nefertari, nascida em 1290 a.C., até o filme “A vingança dos Sith”, dirigido por George Lucas em 2005, parte da série “Guerra nas estrelas”.

— Nada do que vi nas artes visuais nos últimos 30 anos foi mais emocionante do que a cena do vulcão de “A vingança dos Sith” — diz Camille.

Na entrevista, ela defende as afirmações mais incisivas do livro, como a de que “as artes plásticas estão definhando” por culpa da falta de criatividade e da voracidade do mercado. Fala também sobre sua relação com o Brasil e o carnaval e comenta o sucesso da literatura erótica dirigida às mulheres, que demonstra que “o sexo ficou muito chato”, provoca.

Continua na página seguinte

Camille Paglia.
Escritora
americana
diz que artes
plásticas estão
“definhando”

